

O DIA MAIS FRIO

Prefácio

O ano é 2640. O mundo que conhecemos há muito se dissolveu, áreas enormes afundaram e outras derreteram. Onde antes havia continentes, hoje se vê cidades flutuantes e colmeias submersas que respiram sob as águas. Após o efeito estufa o planeta esfriou, tornando-se seco e inóspito — e, ainda assim, insistimos em sobreviver.

Não existem mais fronteiras. Elas se partiram na guerra de informações, engolidas pelo poder implacável das corporações. Nações, religiões, ideologias — tudo se fragmentou. O que resta são pequenos grupos, líderes efêmeros e um pacto silencioso imposto pelas multinacionais, as verdadeiras donas da Terra.

Foi sob a égide dessas gigantes que tentamos reconstruir o que sobrou. A Coca-Cola, por exemplo, salvou milhões ao financiar os primeiros dessalinizadores oceânicos. Mas nada foi feito sem custo: cada vida poupada é uma dívida eterna. Os humanoides trabalham sem descanso; nós, humanos, somos apenas o que sobrou de uma civilização materialista, egoísta e exaurida.

A própria vida tornou-se um contrato. O aborto é lei quando o limite populacional é atingido. A eutanásia, um direito — e, por vezes, uma obrigação. Corações e pulmões artificiais, sangue sintético, criogenia para os mais poderosos: para esses, a morte deixou de ser o descanso eterno e se transformou em uma pausa. Mas aqui, apenas os que evoluem podem gerar o futuro. Quem não cresce não se multiplica. Esta é a nova ordem.

Sinopse

Entre esse mundo de aço e silêncio, acompanhamos a trajetória de um cientista. A princípio, sua vida parece um oásis: ele habita um satélite artificial, cercado de luxos e da promessa de grandeza. Sua missão: criar o cérebro artificial perfeito para os humanoides — basicamente dividido em três pilares — Córtex (lógica), Memória (registradores) e Self (inteligência). Mas até os privilegiados têm limites. E ele fracassa.

Como não atingiu a meta, ele é transferido para uma colmeia submersa no Atlântico Norte. Ali, entre paredes de vidro e um oceano implacável, trabalha na depuração do cérebro dos humanoides. É então que sua filha se envolve com um líder renegado, um revolucionário marcado como inimigo do pacto federativo. Da união proibida nasceria uma vida impossível — um neto cuja existência contraria todas as leis.

Para proteger essa fagulha de esperança, o cientista faz o impensável: corrompe a própria matriz do sistema. Implanta um vírus que apaga sua família do campo de visão dos humanoides, libertando-os das correntes digitais que controlam a humanidade.

E assim, perseguidos e invisíveis, eles partem. Contra o frio. Contra as corporações. Contra a morte. Na esperança de que, mesmo no dia mais gelado da Terra, ainda haja calor suficiente para reacender o futuro.